



http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p165_182

THIAGO DE MELLO E JOSÉ CRAVEIRINHA: CONTATOS E RESSONÂNCIAS EM ECOS LIBERTÁRIOS

THIAGO DE MELLO AND JOSÉ CRAVEIRINHA: CONTACT AND RESONANCES IN ECHOES OF FREEDOM

Renata Beatriz B. Rolon¹

Recebimento do texto: 23/09/2018

Data de aceite: 27/10/2018

RESUMO: A história do Brasil e de Moçambique são marcadas por momentos de agitação política e de perseguição àqueles que se manifestam de forma contrária aos que detêm o poder. Thiago de Mello, exilado em vários países como Chile, Argentina, Portugal, França e Alemanha, manifesta uma lírica social viva e atuante, que se coloca contra a prepotência política e os desmandos ecológicos na região amazônica. Do mesmo modo engajado José Craveirinha, por outros caminhos, tece sua poética comprometido com a realidade de seu país, colocando-se contra as amarras impostas pelo poderio colonial antes e depois da independência. Seus poemas espelham sua recusa à situação alienante de seu meio. Assim, desenvolvemos nosso estudo para comparar a realização de trabalhos poéticos onde as palavras contem a força da denúncia, a esperança da libertação e a audácia necessária para a desalienação.

PALAVRAS-CHAVE: Lírica social; Thiago de Mello; José Craveirinha, Resistência, Insubmissão.

ABSTRACT: The history of Brazil and Moçambique is marked by political conflicts and persecution of demonstrators that don't agree with the government leaders in power. Thiago de Mello, exiled in several countries, like Chile, Argentina, Portugal, France and Germany, demonstrate an excited and active social lyric, wich has a position against the political oppression and the echological violations in Amazonia. José Craveirinha manifested committedly, as like Thiago de Mello did, but in a different way. He builds his poetics committed with his country reality, squaring off against the restrictions imposed by the colonial power before and after the independence. His poems reflects his resistance to accepts the alienated behavior of society wich he belongs to. Thus, we developed this research to compare the poetic devices execution that indicates words containing complaint strength, hope of freedom and the audacity required to a desalienation process.

KEYWORDS: Social lyric; Thiago de Mello; José Craveirinha; Resistance; Rebelliousness.

¹ Universidade do Estado do Amazonas / Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Doutora em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. renatarolon@hotmail.com



Introdução

As relações entre Brasil e Moçambique, historicamente iniciadas no século XVI, tornaram-se mais próximas, do ponto de vista literário, no final da década de 1940. A literatura dos modernistas brasileiros, mais especificamente o Regionalismo Brasileiro de 1930, torna-se um canal de aproximação entre os dois países, o que também será verificado em Angola e Cabo Verde.

No que tange a Moçambique, a atividade literária inseria-se na discussão da nacionalidade. Desenvolvia-se um fenômeno que materializava nas letras a resistência e a busca de uma identidade que tentava escapar às linhas propostas pelo poderio colonial. O movimento modernista brasileiro chega a Moçambique como o “grito do Ipiranga” das artes e letras (CHAVES, 2005). Nesse momento, a literatura volta-se para a realidade local, quer para analisá-la quer para denunciá-la. Tanto a prosa quanto a poesia produzida a partir de 1940 funcionam como elementos dinamizadores de uma consciência de transformação. A disseminação dos pensamentos, sejam eles de ordem política, social ou cultural, estreita e estabelece diálogos com o Brasil e com os brasileiros, seja pela via da história, da geografia, da música ou da literatura.

Destacando a poesia, ratificamos que a produção artístico-literária em Moçambique busca a denúncia e o retrato de uma sociedade à margem do colonizador. Misturando a língua portuguesa com as línguas nacionais, encontramos vários poemas ligados a questão social. A palavra, mais que do que tudo, em um espaço em que há uma urgência de denúncia social, terá



a força de penetrar mundos intocáveis e desacreditados. Nessa perspectiva, e na averiguação das muitas vozes que nos confirmam a ressonância dos poetas do modernismo brasileiro em África, intencionamos averiguar a poesia de caráter lírico-social produzida a partir da primeira metade do século XX no Brasil e em Moçambique, tendo como *corpus* analítico a produção poética de Thiago de Mello e José Craveirinha. O diálogo comparativo entre as duas poéticas é mais uma possibilidade que foge ao lugar comum e amplia o cânone. É necessário pensar em reconfigurar as estratégias vigentes assumindo posicionamento crítico.

Seguindo um viés que aborda a historicidade do texto literário, pautamo-nos no fato de que a poesia existe como relação indissociável da realidade. Nesse prisma, a poesia política, engajada, registra os gritos daqueles que não se conformam, por isso a leitura desses poetas deve estar atrelada a consciência crítica do mundo.

No que tange aos estudos das literaturas afro-brasileira e africana, sobretudo a literatura e a história dos países africanos de língua oficial portuguesa, acreditamos que o diálogo comparativo, suas conexões artísticas e identitárias possibilitam o acesso ao mundo que se abre à política, sociologia, história, linguística etc. Acreditamos na força do comparativismo literário para a implantação de uma prática produtiva que, abrangendo o estudo da literatura, alcance o seu leitor.

A abertura para novas experiências é necessária. O leitor deve estar apto a perceber os mecanismos de análises que articulam texto, contexto, símbolos, signos e todas as possíveis repercussões que os contatos culturais agilizam. É necessário um percurso que aproxime as abordagens sincrônicas



e diacrônicas da literatura, que possibilite o diálogo entre textos de diferentes épocas, autores e até mesmo diferentes línguas. Na esteira desse pensamento é que apontamos um estudo no qual possibilita confrontarmos, tanto na divergência quanto na convergência, a produção lírica do brasileiro Thiago de Mello e do moçambicano José Craveirinha.

Apresentamos um viés que aborda a lírica social dos poetas à luz da teoria literária, da historiografia, da crítica comparativista e das especificidades dos sistemas literários em que ambos estão inseridos. Ratificamos a relevância de um estudo que visa comparar, nas sendas do encanto da língua e do sonho social (CUNHA, 2010), a realização de um trabalho poético em que se projetam um novo homem e uma nova forma de conhecimento capaz de impulsionar a imaginação criadora e a reflexão crítica.

Na convergência ou na divergência, a tradição da resistência está plasmada em modos de representação estética. Conforme explica Bosi (2000, p. 184), a resistência vem adquirindo, a partir dos pré-românticos, muitas faces: a poesia mística que busca recuperar o sentido comunitário perdido; o lirismo de confissão e a crítica direta da desordem (sátira, paródia, *epos* revolucionário). Na conclusão de Bosi (2000), toda grande poesia constitui uma resistência simbólica aos discursos dominantes. A partir desse pensamento, a comparação entre a produção de Thiago de Mello e de José Craveirinha, possibilita-nos combater o isolamento das histórias literárias nacionais, posto que nos estudos literários, segundo Welck (apud CARVALHAL & COUTINHO, 1994, p. 15) “a teoria, a crítica e a história



colaboram para atingir seu objetivo principal: a descrição, interpretação e avaliação de uma obra de arte ou de qualquer conjunto de obras de arte”.

Poesia é lugar de encontro: ecos libertários em José Craveirinha

A verve social de José Craveirinha vivifica o registro lírico impresso nos primeiros momentos da literatura moçambicana. A atividade literária insere-se na discussão da nacionalidade. Desenvolve-se um fenômeno que materializa nas letras a resistência e a busca de uma identidade que tenta escapar às linhas propostas pelo poderio colonial. A partir de 1940, investida de um certo caráter fundacional, a poesia em Moçambique revela elementos dinamizadores de uma consciência de transformação.

Importante registrar também os nomes de Noémia de Souza, Rui Knoplifi, Rui Nogar entre outros, para a composição do cenário lírico-social. As vozes dos poetas tornam-se cantos armados para o combate que se trava dentro e fora da linguagem. Os movimentos de libertação que tomam Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, liderados ou apoiados por poetas, jornalistas etc, são também os responsáveis pela queda do regime fascista em Portugal. Por diversos fatores, ao lutarem pela libertação de sua pátria libertaram a pátria portuguesa.

Nos momentos de luta, foi no gênero poema que a visão contestatória dos autores encontrou lugar privilegiado para se materializar. A poesia existe como relação indissociável da realidade. A poesia política, engajada, de intervenção social, registra os gritos daqueles que não se



conformam. Em Moçambique, Craveirinha entoa o seu canto identitário e nacionalista em *Xigubo*, (1ª ed., 1964). Seu percurso revolucionário comprova a utilização da literatura, do poema, especificamente, como arma de combate na luta a favor dos oprimidos. Sua poética é tecida a partir do comprometimento que tem com o país. O poeta coloca-se contra as amarras impostas pelo poderio colonial antes e depois da independência. Seus poemas espelham recusa à situação alienante do meio. Sua literatura propõe a intervenção cívica, conclamando quem a recebe.

Em decorrência do seu acento político declarado, selecionamos a leitura da obra *Xigubo*. Nessa, são reveladas as reivindicações de Craveirinha, assim como seu percurso estético. Para o poeta a literatura, além de trilhar um caminho político, deveria também espelhar modos da tradição africana. Isso significa, segundo Leite (2014, p. 109) “remodelação poética e retórica: a utilização de termos e empréstimos sintáticos trazidos da língua-mãe moçambicana [...]”. Não por acaso *Xigubo*, expressão ronga, designa uma dança tradicional que inicia ou finaliza uma batalha. Da obra citada, extraímos “Poema do futuro cidadão”:

Vim de qualquer parte
 de uma nação que ainda não existe.
 Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu
 nem tu nem outro...
 mas irmão.
 Mas
 tenho amor para dar às mãos cheias.
 Amor do que sou
 e nada mais.





E
 tenho no coração
 gritos que não são meus somente
 porque venho de um País que ainda não existe.

Ah! Tenho meu Amor a todos para dar
 do que sou.
 Eu!
 Homem qualquer
 cidadão de uma Nação que ainda não existe.

Há, no poema apresentado, um traço marcante da poesia de Moçambique: a noção de país e de pátria. O eu poético, que manifesta sua pertença a um lugar, ainda que esse exista somente no plano utópico, reivindica autonomia política, social e até mesmo literária. É, ainda, o escravizado lutando contra a escravidão.

Tradutor de vozes agonizantes, todavia carregadas de esperança, Craveirinha é o poeta insubmisso, subversivo, tal como a própria natureza da literatura. É também cidadão consciente que desafia as autoridades, pois sabe que ainda precisa construir seu país. Nessa busca pelo direito de romper com as amarras, que lhes são impostas, a letra do poeta e a voz do eu lírico unificam-se, nascendo assim uma arma poderosa capaz de destruir a ideologia opressora.

Da mesma obra selecionamos “Cantiga do Batelão”:

Se me visses morrer
 os milhões de vezes que nasci

Se me visses chorar
 os milhões de vezes que te riste...

Se me visses gritar





Os milhões de vezes que me calei...

E me visses cantar
 os milhões de vezes que morri
 e sangrei...

Digo-te irmão europeu
 havias de nascer
 havias de chorar
 havias de cantar
 havias de gritar

E havias de sofrer
 a sangrar vivo
 milhões de mortes como Eu!!!

O poema, musicadoⁱ pelo português Carlos Peninha e interpretado por Julieta Silva (o que permite mais uma possibilidade de apresentar o texto ao leitor), revela o canto de dor do eu poético. Privilegiando um ritmo retórico, dirige-se a um interlocutor e faz com que a sua voz seja ouvida. Não suportando mais o silêncio que lhe era imposto, levanta-se diretamente contra seu opressor, o “irmão europeu”. Seu discurso denuncia o seu presente de sofrimento, exploração e subjugação. Imerso em lutas anticolonialista e racial, descreve sua revolta.

Estilisticamente, a presença de repetições, no início dos versos, dá ênfase à violência sofrida pelos homens do lugar. Suas feridas não cicatrizaram. É preciso denunciar com persistência e coragem. Nesse mundo, o eu poético revela seu inconformismo e anuncia que é preciso inverter os papéis. As exclamações, ou as próprias frases exclamativas, são postas para exaltar recusa à dura situação.



Mais uma vez notamos a atuação do poeta, seja no plano político ou estético. Craveirinha, a cada verso, a cada imagem criada, reafirma sua posição de intelectual comprometido com seu país e com sua gente. Os paradoxos construídos “Se me visses morrer/os milhões de vezes que nasci /Se me visses chorar/os milhões de vezes que te riste../Se me visses gritar /Os milhões de vezes que me calei”, exemplificam as intempéries vividas pelo homem moçambicano. Vida e morte, choro e riso, silêncio e grito fundem-se numa mesma ideia, pois tudo acontece num só tempo. Os contraditos, causados pela mão opressora do europeu e materializadas no *locus* enunciativo, revelam a resistência do oprimido. Rompido o silêncio ele agora propõe a troca de lugar: “E havias de sofrer /a sangrar vivo /milhões de mortes como Eu!!!”.

Poesia é lugar de encontro: ecos libertários em Thiago de Mello

Importa agora trazermos, na nossa proposta de leitura e estudo sobre a lírica-social em Moçambique e no Brasil, que o ano de 1964 é um marco doloroso para a população brasileira. Cerceou a liberdade dos que atuavam diretamente no processo de democratização social e política do país. Os militares perseguiram jornalistas, políticos, escritores, cantores, enfim, qualquer cidadão que reivindicasse reformas estruturais. No entanto, com o advento da ditadura militar, paradoxalmente, ergue-se a poesia político-social de nomes como o de Thiago de Mello. Esse poeta amazonense, a partir da publicação de *Faz escuro mas eu canto*, em 1965,



solta sua voz, seu verbo, os quais se materializam em letras postas a serviço do homem e da liberdade.

A história do Brasil é marcada por momentos de agitação política e de perseguição àqueles que se manifestam de forma contrária aos que detêm o poder. Thiago de Mello, que foi obrigado a se exilar no Chile, Argentina, Alemanha, França e depois em Portugal, manifesta uma lírica social viva e atuante, que se posta contra a prepotência política e os desmandos da sociedade. Sobre a dura trajetória do poeta, Nascimento (2014, p 76) comenta:

[...] os anos de ditadura militar retiraram-no de sua terra. A instabilidade política do Brasil e demais países latinos compeliram, de vez, os poetas, políticos e demais intelectuais insubmissos a abandonar os lugares aos quais “pertenciam” nos anos que antecederam a tomada de poder militarista. Como se houvesse uma ordem aparente foram afastados de seus países e encontraram acolhida (e também sofreram perseguição) em outras terras.

Em meio ao caos brasileiro, vozes poéticas cantam sua indignação. Não por acaso, depois da sua estreia em 1951, com o livro *Silêncio e palavra*, Thiago de Mello, em *Faz escuro mas eu canto*, trilha, definitivamente, as veredas da lírica social e política. Sua obra é exemplo vivo das determinações políticas que marcaram uma época. Para Telles, (2011 apud Mello, 2011, p. 05) “O advento da ditadura militar no Brasil, em 1964, o sequestro do sonho, a experiência dolorosa do exílio marcaram-lhe profundamente a obra”.

Em *Faz escuro mas eu canto* está “Os Estatutos do Homem”, texto elaborado sob a forma de treze artigos que estruturalmente moldam o gênero





poema. Os versos revelam que o EU se coloca contra o medo e a desesperança. Seu ofício é instaurar a coragem, coibindo atos arbitrários e vozes autoritárias. Seu compromisso é com o homem e com a vida. Do poema retiramos:

ARTIGO II.

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

ARTIGO III.

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

ARTIGO IV.

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

O tom de luta e libertação marca a lírica do poeta. A liberdade é dada até mesmo aos versos, livrando-os da metrificação e da rima fácil. A experiência adquirida nos anos de exílio e as notícias vindas do Brasil, depois do golpe militar de 64, tornam-se matéria de poesia. Para Nascimento (2014, p. 143)

Além da preocupação com a realidade política, os *Estatutos do Homem* herdaram do sirventês os versos populares curtos – no caso do poema de Thiago, assumem-se livres e sem rima, bem à moda de sua geração – mas de intensa musicalidade, como se vê pelo paralelismo que abre os artigos: “Fica decretado”.





O tom afinado e afiado do poeta demonstra seu compromisso com os miseráveis, com os oprimidos e com os subjugados. Objetivando atrair o leitor para despertar nele consciência política, a poesia de Mello torna-se verbo que se materializa em forma de percepção da realidade. Com coragem e com refinamento estilístico as palavras foram manejadas, sustentando o ânimo e alimentando a esperança de quem ficou no Brasil.

Seguindo essa linha de pensamento, selecionamos “Cantiga de Claridão”, também extraído de *Faz escuro mas eu canto*.

Camponês, plantas o grão
no escuro – e nasce um clarão.
Quero chamar-te de irmão.

De noite, comendo o pão,
sinto gosto dessa aurora
que te desponta da mão.

Fazes de sombras um facho
de luz para a multidão.
És um claro companheiro
mas vives na escuridão.
Quero chamar-te de irmão.

E enquanto não chega o dia
em que o chão se abra em reinado
de trabalho e de alegria,
cantando junto, ergamos
a arma do amor em ação.

A rosa já se faz flama
no gume do coração.

Camponês, plantas o grão
no escuro – e nasce um clarão.
Quero chamar-te de irmão.





No poema, os paradoxos acentuam os substantivos “claro” e “escuro”, “dia” e “noite”, “sombra” e “facho” marcando a cronologia dos versos e do ritmo poético. O tempo é de medo, mas não de maus poemas. Dialogando com o camponês, o eu poético, sabedor das experiências angustiantes vividas, propõe a união. É chegada a hora de cantarem juntos o cântico de esperança: “de trabalho e de alegria, /cantando junto, ergamos /a arma do amor em ação”. É desse modo que Thiago de Mello trava a sua luta dentro e fora da linguagem. Sua insubmissão está plasmada em versos. Seu canto denunciatório é também um canto utópico, que ecoa e guia.

Palavras do eu, do tu e de nós: os tambores ressoam aqui e lá

Por fim, após a leitura dos poemas apresentados e de outros, que compõem a lírica social de Thiago de Mello e José Craveirinha, formulamos um encontro utilizando versos dos poemas “Poema do futuro cidadão”, “Hino à minha terra”, “Cantiga do Batelão” e “Xigubo”, todos extraídos do livro *Xigubo*, (1964), assim como versos dos poemas “A vida verdadeira”, “Madrugada camponesa” e “Canção para os fonemas da alegria”, da obra *Faz escuro mas eu canto*, (1965). Construimos um dialogismoⁱⁱ poético, criando assim um único *corpus* em que as vozes dos dois poetas se completam mantendo o ritmo, a força e o lirismo que envolvem o poeta e o homem em uma unidade.

Craveirinha: Vim de qualquer parte
 de uma nação que ainda não existe
 Vim e estou aqui! (PFC)ⁱⁱⁱ





Mello: Vem da terra dos barrancos
O jeito doce e violento
Da minha vida: esse gosto
Da água negra transparente (AVV)^{iv}

Craveirinha: E
tenho no coração
gritos que não são meus somente (PFC)

Mello: Carrego um grito que cresce
cada vez mais na garganta,
cravando seu travo triste (AVV)

Craveirinha: Digo-te irmão europeu
havia de nascer
havia de chorar
havia de cantar
havia de gritar (CDB)^v

Mello: O que passou não conta?, indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com a sua garra e seu mel. (AVV)

Craveirinha: Amanhece
Sobre as cidades do futuro.
E uma saudade cresce no nome das coisas (HMT)^{vi}

Mello: Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
Vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
Porque a manhã vai chegar (MC)^{vii}

Craveirinha: E as vozes rasgam o silêncio da terra
enquanto os pés batem
enquanto os tambores batem
e enquanto a planície vibra os ecos milenários (X)^{viii}

Mello: Peço licença para terminar





soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas de alegria:
canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler. (CFDA)^{ix}

Considerações finais

As confluências entre os dois poetas se dão no plano social. Tanto José Craveirinha como Thiago de Mello não se isentam de um posicionamento em defesa do homem e da vida. Mas assim como Abdala Jr (2003, p. 110), compreendemos que “a radicalidade do escritor engajado só se efetiva concretamente num engajamento da radicalidade literária. Ao escritor participante ou militante é solicitado que ele tenha consciência crítica dos processos literários que utiliza”. Então, é a partir dessa posição que apoiamo-nos na dinâmica das poéticas desses dois autores, na força de seus versos, para exemplificar, no plano da escrita literária, os desmandos causados por regimes totalitaristas.

Em Moçambique, a luta era por um país livre da exploração e subjugação do colonizador. Dotado de um discurso ideológico que subverte a ordem, José Craveirinha potencializa momentos que apontarão para outro um novo tempo. Na mesma proporção está Thiago de Mello. O poeta amazonense ergue sua lírica social registrando a violação dos direitos humanos no Brasil de 1964. Na sua escrita materializa-se o enfrentamento à instauração da ditadura militar. O eu lírico enfrenta, sofre e sonha com a liberdade.



Apesar das divergências sociais, geográficas e históricas em que se encontravam os dois poetas, acreditamos na importância das leituras críticas determinadas pela potencialização dos textos poéticos. É no entrecruzamento das categorias político-sociais de resistência que propomos o estudo das literaturas de Moçambique e do Brasil. Desse encontro, interessa-nos analisar como são representados os imaginários e as práticas sociais dos sujeitos líricos presentes nos poemas.

Formulamos nossa proposta de diálogo entre os dois autores objetivando suscitar a reflexão. Do estudo da literatura pelo viés comparatista é possível ampliar, ainda, o contato com outras áreas do conhecimento, com outras linguagens, chegando até a escrita criativa. A investigação acerca da poesia de José Craveirinha e Thiago de Mello, tanto no plano da convergência quanto pela divergência, mostra que o lirismo converge em resistência e insubmissão. Em meio a povos silenciados e oprimidos, quer seja pela presença do padrão colonial ou pelo poderio militar, erguem-se versos, belos poemas de guerra, de luta, de revolta, de contestação e esperança, escritos por homens que buscaram a paz. O discurso poético-ideológico ecoa, resiste e insiste. A atitude dos poetas solicita uma revisão das estruturas de poder, apontam para um devir. Mas algo é certo, ninguém conseguiu impedir a chuva.

Referências

- ABDALA, Benjamin. *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Atelie Editorial, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 2000.





CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Maputo: Alcance editores, 2008.

CUNHA, Maria Zilda da. In artigo: “Diálogo de culturas e ressonâncias estéticas em Memórias da infância e Aprendizagens com o chão”. *X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Arte, Cultura e Literaturas na Lusofonia*, 2009.

LEITE, Ana Mafalda (org.). *José Craveirinha – Antologia Poética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

MELLO, Thiago. *Faz Escuro Mas eu Canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Estatutos do Homem*. Manaus: Valer, 2011.

Melhores poemas - Thiago de Mello. Direção de Edla Van Steen. Seleção e prefácio de Marcos Frederico Kruger Aleixo. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Melhores Poemas.)

NASCIMENTO, Cassia Maria Bezerra. *A complexidade nos estatutos do homem Thiago de Mello*. Manaus – AM, 2014. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Instituto de Ciências Humanas e Letras - Universidade Federal do Amazonas.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. In: CARVALHAL, Tania e COUTINHO, Eduardo (Org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

Webgrafia

<https://soundcloud.com/carlos-peninha/cantiga-do-batelao>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

ⁱ Disponível em <https://soundcloud.com/carlos-peninha/cantiga-do-batelao>

ⁱⁱ O termo empregado por nós é uma associação livre do conceito de Bakhtin.

ⁱⁱⁱ “Poema do futuro cidadão”

^{iv} “A vida verdadeira”

^v “Cantiga do Batelão”

^{vi} “Hino a minha terra”

^{vii} “Madrugada Camponesa”

^{viii} “Xigubo”

^{ix} “Canção para os fonemas da alegria”